

Arte tumular: uma expressão social por meio dos signos da morte

Último adeus

A arte tumular sempre foi considerada por muitos um adorno, sendo utilizada nos mausoléus das classes mais abastadas como objeto de decoração. Pode-se dizer, porém, que a arte tumular é mais do que um simples ornamento: ela abarca o imaginário coletivo de uma determinada sociedade, que por meio dos signos da morte retrata sua visão de mundo, sua cultura. Desse modo, é certo dizer que a arte funerária corresponde a um *memorial social*, à medida que representa para as pessoas o conjunto de idéias pertencentes a uma determinada sociedade. Esse fenômeno, porém, se dá implicitamente: a arte tumular é o produto de uma expressão coletiva, realizada por meio dos sinais e da circunstância da morte. Na análise semiótica de o *Último adeus* (figura 1), de Alfredo Oliani, alguns desses sinais serão examinados.

A escultura *Último adeus*, de Alfredo Oliani, localizada no cemitério São Paulo, no bairro de Pinheiros, em São Paulo, retrata o delicado beijo de um casal. Datada da segunda metade do século XX, trata-se de uma obra em que por meio dessa expressão de carinho, materialização da intimidade entre os sujeitos da ação, e do tratamento visivelmente apaixonado da figura masculina com relação à feminina, pode-se dizer que a essência da escultura traduz o sentido de eternidade de um momento, o amor.

A apreensão dessa cena de contato amoroso, tendo como suporte um constructo fúnebre, remete-nos ao conjunto arquitetônico-escultural erigido para encerrar os corpos de D. Pedro e Inês de Castro, que se analisará mais adiante.

Escultura em tamanho natural, de bronze, encontra-se sobre uma laje tumular de mármore preto, a qual possui a inscrição “ULTIMO ADEUS”¹ esculpida. Somente o nome de um homem foi gravado no mármore, mas não se trata de um jazigo para uma só pessoa.

Em sua obra *Leitura sem palavras*, Lucrécia D’Aléssio Ferrara expõe o conceito de dominante:

[...] Todo texto é organizado a partir de uma dominante, o que lhe garante a coesão estrutural, e hierarquiza os demais constituintes, a partir de sua própria influência sobre eles. A dominante é, como todos os demais elementos do texto, um índice, porém é aquele que “governa, determina e transforma” os demais. [...] Dadas a assimetria e a dispersão do texto não-verbal não se pode falar que a dominante possa ser identificada mas, ao contrário, ela deve ser eleita entre os índices reconhecidos no texto (1997, p.33).

Quanto à dominante em *Último adeus*, pode-se dizer que se trata da *relação de oposição entre vida e morte*, sendo a vida representada pela escultura e a morte, pela laje tumular que a sustenta².

¹ A expressão encontra-se gravada na laje tumular sem acento na proparoxítona.

² O conceito de dominante segundo Ferrara é aplicado basicamente a textos verbais; porém foi aqui aplicado à análise de uma imagem, de um texto não-verbal. De acordo com Ferrara, os textos não-verbais são assimétricos e dispersos, devendo a dominante ser escolhida entre os demais índices do texto. Desse

O túmulo foi construído como se fosse um altar, pois para se chegar próximo à escultura deve-se subir três degraus que a cercam. Tem-se, com isso, que, em relação ao enunciatário, ao subir os degraus, terá uma aproximação da vida, representada pela escultura, por sua vivacidade, pelo beijo; além disso, esta figurativização traduz a idéia de transcendência, ou seja, invoca o sentido de perenidade do sentimento amoroso, na medida em que este ultrapassa a transitoriedade da vida. Ao distanciar-se, descendo os degraus, mantendo-se no plano do solo, parece que se desce do céu, do absoluto e aproxima-se da terra, do efêmero e, portanto, da morte.

Em *Último adeus* há dois actantes: um homem e uma mulher. Para que se entenda melhor o conceito de actante, utiliza-se aqui a definição de Diana L. P. de Barros (1999). Para a autora, o percurso narrativo de um texto é formado pelo encadeamento de programas narrativos e é determinado de acordo com a função do actante dentro desse texto, que pode variar de acordo com cada produção. Em *Último adeus*, a figura masculina está deitada, nua, sobre a feminina enquanto ela tem suas formas destacadas por um leve manto que a cobre. A figura masculina aproxima-se da feminina com gestos delicados, envolventes, unindo-se a ela por meio de um beijo. Tais elementos, juntamente com o nu, insinuam um processo de sedução, o que permite dizer que esse constructo fúnebre é permeado de erotismo.

Para poder-se entender as relações de junção entre os actantes existentes em *Último adeus*, faz-se necessário esclarecer aqui o que a semiótica chama de conjunção e disjunção, relações que se dão entre os actantes, os sujeitos do enunciado: “A junção, [...] é a relação que determina o estado, a situação do sujeito em relação a um objeto qualquer. [...]” (ibidem, p.19). Em *Último adeus*, então, o homem mantém relação de conjunção com seu objeto de valor; aqui, trata-se da figura feminina tocada de modo delicado, pois ele a ergue levemente, segurando sua cabeça, quase acariciando seus cabelos, diferentemente de quando o homem segura a mulher pela cintura, por exemplo, o que levaria ao enunciatário uma conotação muito mais sexual.

No que diz respeito à semiótica, no plano das paixões, ou seja, da modalização do ser produtor de efeitos de sentido “afetivos”, “passionais” (p.46), há três modalidades correspondentes aos actantes em *Último adeus*: a *do querer*, a *do poder* e a *do fazer*, que estão entre as quatro principais estabelecidas pela ciência semiótica: o querer, o dever, o poder e o saber (p.46-47). Ao se olhar o *Último adeus*, pensa-se, primeiramente, em um querer muito forte apenas da parte do homem, marcado pela presença de gestos de aproximação deste com relação à figura feminina. Observa-se então a figura masculina em conjunção com seu objeto-valor, a mulher, pois ele a toca, beija-a, segura-a, embora não ocorra da parte feminina um movimento dos membros ou do tórax em direção a ele. Pode-se dizer que o homem possui a função de sujeito do querer, do poder e do fazer, ou seja, ele quer beijar a mulher e o faz.

No que tange à figura feminina, percebe-se depois, pelo fato de ela não tentar de nenhuma forma impedir a aproximação masculina, que ela assume uma postura concordante, mantendo também, desse modo, uma relação de conjunção com seu objeto-valor, o homem. Vê-se que a mulher não o abraça, não corresponde apaixonadamente aos seus gestos de aproximação, mas reage à iniciativa masculina com

modo, a dominante eleita neste trabalho trata-se da oposição *vida x morte*, da qual parte a análise em questão.

uma postura de aceitação. Ela parece quase ceder ao encanto do momento, pois tem os olhos fechados, o que causa a impressão de que até quer desfrutar todas as sensações do amor, mas ainda hesita ou teme um maior envolvimento com o outro. O homem está nu, pronto para o amor, e ela quase não o toca. Sob esse enfoque, a mulher é sujeito do querer, do poder e do não fazer, pois quer e pode beijá-lo, mas não o faz com vigor; ela mais recebe o beijo do que corresponde a ele, mantendo-se em uma atitude passiva; ele (o homem) se aproxima; ele a segura; ele a acaricia; a mulher, por sua vez, deixa-se aproximar, segurar, acariciar.

Quanto à passividade da figura feminina em *Último adeus*, pode-se estabelecer uma relação com a valorização cultural do comportamento masculino. Conforme Simone de Beauvoir (1960), a iniciativa masculina sempre foi mais valorizada, assim como sempre se entendeu como bem-vinda a contenção feminina. Aprisionada dentro de estreitos limites domésticos, muito dependente das figuras do pai e do marido, a mulher sempre ocupou um lugar social considerado insignificante, inferior. Por exemplo, sempre foi o homem o responsável pelo sustento e manutenção de seu clã, enquanto a mulher era totalmente destinada à reprodução, à perpetuação da espécie. Basta perceber que é a mulher, nas sociedades existentes antes da agricultura, que aguarda o retorno do homem com o alimento destinado a ela e aos filhos, pois se entendia que a maternidade a tornava fragilizada para exercer qualquer função fora dos domínios domésticos.

Isso demonstra que a mulher sempre foi considerada dependente do homem, menos capaz, fraca, o que contribui para a construção de seu comportamento passivo. As convenções sociais, impedindo-a de alcançar uma posição de igualdade com o homem, limitam-na, privam-na de exteriorizar seus desejos, de demonstrar uma posição mais autônoma, sustentando-se, assim, sua passividade perante a plena atividade masculina. O homem, ao contrário, exerce ativamente funções sociais. Ele, por exemplo, é preparado para o trabalho externo, pois, além de ser dono de força e robustez para tanto, não está preso à maternidade, não sendo, assim, dominado por outros membros de seu núcleo familiar.

O que se tem em *Último adeus*, portanto, é uma oposição de comportamentos. Enquanto a figura masculina é toda atividade, aproximando-se da figura feminina e segurando-a, esta quase não o toca. Tem-se um casal pronto para o ato amoroso, mas a atitude de aproximação parte apenas da figura masculina, o que confirma a reificação da mulher. Isso não quer dizer que ela não queira corresponder a essa aproximação, mas ela não atua com tanta paixão devido à convenção social, que, culturalmente, obriga-a a somente esperar a intervenção masculina; ou seja, o desejo feminino não é considerado, sua autonomia não é valorizada, a figura feminina se situa à sombra da masculina.

Há outro fator na escultura que deve ser considerado: a mulher mantém sua mão esquerda, que está coberta pelo manto, estendida com a palma virada para baixo, apoiada na laje tumular, enquanto sua mão direita, descoberta, mantém-se estendida com a palma virada para cima. Considerando a oposição *vida x morte*, a mão esquerda faz referência à morte, pois está coberta e posicionada em direção à terra, que é o lugar do efêmero. Já a mão direita remete à vida, pois está descoberta e virada para cima, direcionada para o céu, para o infinito. Isso pode ser fundamentado com o trecho: “As noções de *esquerda* e *direita* têm, entre os celtas, o mesmo valor que na Antiguidade Clássica [...] a direita é favorável, de bom agouro, e a esquerda é nefasta, de mau agouro

[...]" (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2001, p.342). Desse modo, faz-se possível construir a oposição *céu x terra*, a qual forma um paralelo com a oposição *vida x morte*. O céu é o lugar dos bons fluidos, do eterno, dos valores positivos presentes na relação amorosa, alude à vida, enquanto a terra é o lugar daquilo que é passageiro, do finito, ou seja, da morte.

No beijo está representada a conjunção, tanto no caso do homem quanto no da mulher, com seus objetos de valor. Um beijo representa uma grande intimidade entre os sujeitos da ação. Juntamente com a inscrição “ULTIMO ADEUS”, o beijo fará alusão à tristeza da separação interdita na relação e materializada pelo conjunto arquitetura-escultura. A cena enunciativa do beijo cria isotopia com a inscrição “ULTIMO ADEUS”. Examinando esse enunciado verbal, observamos que “último” e “adeus” são palavras que possuem uma intensa carga negativa. Essa negatividade pode ser melhor explicitada utilizando-se as definições encontradas em *Novo dicionário da língua portuguesa* (1975), segundo as quais “último” corresponde a derradeiro, extremo, final e “adeus”, a gesto ou sinal de despedida. Considerando-se a separação pela morte do casal sepultado sob a estrutura que sustenta a escultura, pode-se dizer que “adeus” pressupõe o desenlace, a despedida entre esse casal. Tal termo é intensificado pela palavra “último”, que pressupõe, por sua vez, uma despedida irrevogável, fatal, o que acentua ainda mais a fatalidade da separação dos amantes.

A posição horizontal da obra leva o enunciatário à idéia de um ambiente de alcova e as definições do corpo humano na escultura, como tendões, músculos, ossos, fios de cabelo, em virtude da perfeição anatômica do corpo captado em meio a um movimento amoroso, causam a impressão de dinamismo. Percebe-se, então, a partir de todos esses elementos analisados, que o amor existente entre esse casal remete à concepção de amor carnal, que se concretiza na terra mas que pretende se estender para além dos limites da vida.

No que tange ao percurso gerativo do sentido, sabe-se que as categorias semânticas fundamentais são determinadas como *positivas* ou *eufóricas* e *negativas* ou *disfóricas*, sendo a primeira aquela que se quer alcançar e a segunda, a que se quer evitar, abandonar (BARROS, 1999, p.10). Em *Último adeus* há dois percursos narrativos de sentido, representados pelas seguintes características semânticas fundamentais: *vida* → *não-vida* → *morte* e *morte* → *não-morte* → *vida*. Como ocorrem ambos? Com relação ao percurso *morte* → *não-morte* → *vida*, tem-se que mesmo na morte, representada pelo mausoléu, há a confirmação da vida. Concretiza-se na disposição das figuras a união dos actantes através do beijo como parte do ritual de fecundação. Parece que se actorializa a máxima da condição humana (“nascer, crescer, reproduzir e morrer”) como normal e mesmo essencial ao ciclo da vida com relação a todos os seres. Nesse percurso, entende-se que o elemento disfórico é a morte, enquanto o eufórico é a vida.

O outro percurso presente é o da *vida* → *não-vida* → *morte*. Este se dá quando o enunciatário visualiza a escultura, repleta de dinamicidade, e, logo abaixo, a laje tumular, o corpo do jazigo, de linhas retas, estática, sem movimento algum e, portanto, a estaticidade, prenunciada na inscrição “ULTIMO ADEUS”, também é um elemento que euforiza a morte; ou seja, em um primeiro momento o enunciatário tem a visão apenas da escultura, uma imagem capaz de representar a vida, mas com a laje, com sua consideração, tem, na realidade, a confirmação da morte, visto que é um mausoléu,

formado pelo conjunto laje tumular, inscrição “ULTIMO ADEUS” e escultura funerária. O mausoléu não é apenas o lugar de depósito permanente de um cadáver, mas também abrange a identidade e memória daquele que partiu (ARIÈS, 1977, p. 36), assim como o cemitério, lugar em que é possível perceber a cultura e a visão de mundo de uma sociedade. O túmulo, estático, de linhas retas e, portanto, com ausência de movimento, inserido no cemitério, espaço destinado à inumação de cadáveres, cercado por grandes muros e pórticos, euforiza a morte, confirma-a.

Com relação à inscrição “ULTIMO ADEUS”, pode-se dizer que, ao mesmo tempo em que euforiza a morte, confirma também a saudade familiar. As inscrições funerárias, segundo Ariès, “significam o desejo de conservar a identidade do túmulo e a memória do desaparecido” (ibidem, p.36). O hábito de se perpetuar a memória e de se expressar o sentimento de família por meio das inscrições tumulares surgiu na Idade Média, tornando-se a partir de então cada vez mais comum. Nasceu da tradição religiosa de se imortalizar feitos santos, em seguida estendeu-se ao registro de atos heróicos da vida pública e, depois, de feitos cotidianos (ARIÈS, 1989, p.246). Podem ser figurativizadas em forma de oração, de uma lista dos feitos do falecido ou, ainda, além de conter referências ao morto, também mencionam o membro da família que mandou registrar o epitáfio. No caso de *Último adeus*, a inscrição esculpida no mármore corresponde ao desejo da família de demonstrar a saudade intensa que sentem devido à perda de seu ente querido; constitui uma espécie de denúncia da afeição da família, do amor conjugal. Em *Último adeus*, este sentimento é mais presente. Entende-se, desse modo, que a inscrição “ULTIMO ADEUS”, além de homenagear o falecido, tem por função demonstrar uma memória coletiva, a identidade familiar e a cultura de uma sociedade; o epitáfio identifica essa memória coletiva.

Visto que a escultura pretende eternizar um momento, o *Último adeus* eterniza a vida, o amor, ou seja, sendo a morte algo irremediável, nesta escultura está retratado e eternizado um momento de amor, do amor existente na vida do casal sepultado sob a laje que a sustenta. Faz-se importante comentar sobre a função da escultura, que é a de flagrar um momento, perenizando-o. De acordo com Hegel:

[...] A missão que, por isso, incumbe à escultura consiste em representar a divindade como tal no seu repouso e sublimidade infinitos, fora do tempo, mantendo uma imobilidade absoluta, não tendo personalidade subjetiva e ao abrigo de alternativas e indecisões, por que não tem de escolher entre várias ações ou optar por várias situações. E mesmo quando quer realizar uma maior precisão humana na representação da figura e do caráter deve apreender o que há nesta própria precisão de invariável e de permanente, quer dizer, deve tomar por conteúdo o substancial, somente ele, e não o contingente ou acidental, porque a espiritualidade objetiva é incompatível com as particularidades mutáveis e fugidas que são as da subjetividade que não se conhece senão como uma entidade isolada (1997, p.108-109).

Como já foi dito, a escultura capta um momento e eterniza-o, sendo esse momento a sua essência, que será representada atemporalmente, no infinito. O momento eternizado corresponde a um momento único, a algo importante que constitui o ponto nodal de um acontecimento maior; sendo assim, o *Último adeus* eterniza a vida, o amor, ou seja, sendo a morte inexorável, nessa escultura está resgatado e perpetuado um momento de amor, um amor capaz de realizar-se na terra, materializado por gestos afetivos. É a essência do amor existente na vida do casal sepultado sob a escultura.

Com a consideração de todas as partes do mausoléu, a análise traz à mente do enunciatário tudo a que já se referiu: a morte, que chega inesperadamente e arrebata as pessoas, interrompendo afetos, desejos, sonhos. Não há da parte do enunciatário qualquer espécie de adoração da morte, em nenhum momento é possível perceber esse conceito. O que há, na verdade, é seu entendimento, ou seja, a aceitação da morte como um fato inerente à vida humana, e inevitável. Ocorre uma assimilação do caráter disfórico da existência humana. O viver e o morrer estão intimamente relacionados.

Nessa análise, observou-se como a arte funerária, ao contrário do que se pode pensar, abrange uma memória coletiva, corresponde a um objeto de amplos sentidos e de representação social. A visualização de fenômenos socioculturais na arte tumular foi a base de desenvolvimento deste estudo e conclui-se, a partir dele, que a arte funerária é muito mais que um elemento decorativo; é, sim, um meio de documentação histórico-social, que identifica a coletividade a que pertence.



Figura 1 *Último adeus*

